



Mô Amorim

Wagner Parra

Daniel de Oliveira

Lincoln Spada

Marcelo Rayel

Manoel Herzog

Zezé Goldschmidt

A beleza da prosa está no sabor da história que se conta. Não existe um jeito único, uma única forma, regras de bom-gosto ou estruturas consagradas. A prosa detém seus próprios ornamentos ou não. Nada dela deveria ser decepada em nome da razão pecuniária e/ou comercial, a depredação causada pela sobrevivência editorial. Essa sobrevivência editorial tolhe o novo, impede a livre criação e dá curso a um funesto parto *à fórceps* do fim do espaço à palavra. Cuidado com aqueles que preconizam a literatura como terapia: somente a leitura corresponde a esse poder. Somente o colóquio salva! Não deixem que a conversa seja apenas um maldito monólogo dos senhores cegos e míopes que parcamente enxergavam a vida que respira. Ninguém possui o dom de transformar a conversa numa comunicação de pauta estúpida que parte da premissa que o outro será eternamente passivo. Inúmeras serão, sempre, as possibilidades, as alternativas e os modos de se contar a história que se deseja contar. Não permitam que se transforme o diálogo em sevícia. Ouçam e falem! A prosa só nasce da conversa. Não deixem suas imaginações acorrentadas na esfera de quem, de verdade, não sabe do que a prosa é feita. A prosa é feita da técnica, da emoção, do sentimento, da vivência, da liberdade de se pensar e se expressar. Ninguém carrega em si ou por força de qualquer forma de labor a prerrogativa de afirmar o quanto alguém possa estar errado em sua forma de expressão. A conversa alinha a mente e o coração. A verdadeira conversa só constrói. A conversa acabou de começar.

O Plantador de Cravos

Zezé Goldschmidt

Nasceu sem pai. Em tempos de amores proibidos. Gravidezes escondidas. Marcado. Teve uma avó. A mais bela italiana da rua. Tinha olhos azuis e a pele alva da lua. Foi crescendo com a face dos rebeldes. Não gostava da escola. Adorava as mulheres e fugia do banho. Fingia que lia, mas adormecia e sonhava com jardins. Não usava sapatos, os bolsos estavam sempre cheios de figurinhas e bolas de gude. Campeão de cusparada e mestre das mentiras. Adorava animais e asas quebradas de passarinho consertava. O menino crescia limpando o nariz com os braços e correndo atrás da carroça do leiteiro a provocar o cavalo

Ganhou, do avô, uma ninhada de pintinhos. Que viraram frangos e foram comidos. Exceto a Branquinha. Com ela ninguém mexia. O menino afeiçoara-se a ela e sempre trazia o ovo branco, ainda quente, que apanhara no quintal, depois de pacientemente vigiar a poedeira para assistir ao mistério da criação. Por essa época o tempo existia sem mágoas. A primeira dor na alma aconteceu no dia em que o vizinho, acidentalmente, ao sair com o velho caminhão, que ainda pegava na manivela, passou por cima do caminhãozinho de brinquedo que o menino esquecera à beira da calçada. Virou história de família: - “O malvado do Seu Zé que não vira o caminhãozinho do menino”. Só não foi a julgamento por falta de constitucionalidade da questão.

Os avós morreram e um homem de chapéu e terno de linho branco apareceu de braço dado com a mãe e o levaram à capital. Um enorme edifício surgiu naquela pequena vida. Acomodaram-no numa cama improvisada com duas poltronas encaixadas uma de frente à outra, matricularam-no numa escola nova e procuraram domesticá-lo. O homem de terno de linho branco castigava o menino com um pedaço de madeira quando ele chorava com saudades da Branquinha, riscava o elevador ou mentia na escola e fora dela. A mãe não via a brutalidade. Trabalhava o dia todo. O homem de terno branco estava sempre ali. Jogando. Bebendo. O menino crescendo, repetindo ano de escola. Inteligente como poucos. Bondoso como nenhum outro.

A segunda grande dor na alma foi na sua primeira comunhão. Aos nove anos de idade desejava que a calça do seu terno tivesse pernas compridas. Não houve acordo. A calça tinha que ser de pernas curtas, porque ele ainda era uma criança – disse-lhe a mãe. Sob surra do homem de terno branco, foi à igreja, de vela na mão e com calça curta experimentar a primeira hóstia sagrada. Creio que foi a última. A calça curta, soubera mais tarde, muito, muito mais tarde, que não havia dinheiro para comprar um terninho de calça comprida e que ela (a calça curta) fora paga à prestação.

Aos quinze anos, conheceu uma mulher um tanto colorida demais no rosto, para disfarçar a idade, quem sabe, ou evitar reconhecimento no espelho. Foi com grande alegria que o jovenzinho foi dormir com a mulher de rosto colorido, que um dia foi mulher do padre, que na época ainda não era padre, mas que virou padre quando soube da traição da mulher com o ensacador de milho e foi justo no fundo do armazém que os pegou entrelaçados.

Agora que já era homem, pois conhecera mulher, poderia pegar o trem e fugir do peso das mãos e do bafô etílico daquele homem de terno branco puído, grisalho e doente que se tornara.

Chegou ao destino do trem carregando uma malinha marrom de couro muito velha, com as calças apertadas, curtas demais, deixando à mostra as meias pretas, com olhar de menino procurando mãe, alguns poucos trocados no bolso e muita fome. Perguntou pelo porto. Dias passaram. A barba por fazer e a dificuldade de embarcar como trabalhador em algum navio foi lhe tirando o desejo de outros mundos. Sabia que fora parar ali por falta de ideia melhor. Descobriu no porto o silêncio. Partir não cabia mais em seus sonhos. Sonhos da terra que procurava, nova, dos jardins. Ninguém lhe estendia as mãos. Ficara preso no porto. Vagabundo, dormia na porta dos bares. Nem as prostitutas olhavam para o infeliz.

Um dia surgiu Violanda. Velho travesti com sombra de curvas, à base de silicone e hormônios femininos. Levou-o ao quartinho, que ocupava em cima de uma loja de ferramentas, atravancado de objetos e fotografias de sua história. Fora dançarino(a) de antiga boate. Amou e foi amado(a). Odiou e foi odiado(a). Cicatrizes exibidas com orgulho revelavam facadas enciumadas de antigos amantes. Vislumbrava algo diferente no jovem que acolhera. A experiência que a vida lhe dera o conduzia, sem maiores especulações sobre o rapaz. Violanda tinha uma pequena renda herdada da família, o que lhe permitia certa dignidade e o privilégio de alimentar mais uma boca.

Violanda perseguia a ideia de abraçar os infelizes e sua vida possuía memórias de um mundo jamais existido. Contudo caminhava em seus passos lentos, com os retratos amarelecidos nos dedos gordinhos e com cuidado, porque não queria contaminar os pratos com suas lágrimas.

A terra. O jardim. Plantar cravos sonhava o menino. Vermelhos como túnicas raras sobre ombros nobres. Bíblicos.

Violanda não aqueceu o coração do menino, que partiu. Para longe das migalhas de pão ao amanhecer e das bolachas recheadas de algo artificial a que chamavam “morango”. Precisava desesperadamente encontrar a semente do cravo. Telefonou para a irmã mais velha. Inútil. Essa não compreendia aquela alma errante. Achava o homem um vagabundo. Tentou a irmã mais nova. Ela o amava, mas também não sabia como ajudá-lo. Apelou para Nossa Senhora. Rezou uma Ave-Maria.

O homem parou à beira de um rio e perdeu o olhar na água. Horas. Quando finalmente levantou a cabeça era noite. A estrela e a meia lua limpavam a sujidade da margem. Abaixou os olhos e caminhou. Meses. Anos. Descalço chegou a uma terra estranha. Pertencia agora aos seres da floresta.

Esguiu um jovem de pele rosada, vestido de musgo, beijou-lhe a testa. Todo o corpo dolorido do homem perdeu o peso da vida a quem ele maltratava. Sentiu-se leve, limpo e jovem novamente. Seguiu o ser que quase flutuava. Fluía a fonte e borboletas bailavam ao redor. A dor que sentira por toda uma vida se fora. Em êxtase comeu flores. Bebeu orvalho, lambeu mel. Adriana deu-lhe o vaso e Rosalinda uma semente. Eram as fadas sonhadas. Plantou-a. Regou-a. Verteu sêmen sobre a terra. Nasceu um cravo roxo. Roxo muito escuro. Quase negro.

A noite o jogou para fora daquele lugar. Tudo desapareceu. Somente o deserto. A areia. Voltou a pesar e se arrastou sem saber para onde. Imenso o deserto. A alma rota não tinha mais forças. Chorou.

Gn 32, 24

Lincoln Spada

Doze badaladas e a observância aos trajes róseas. Encostava a mão em meu ombro e, sem medo, gritou que meu lugar era lá. Enquanto o autoritário anfitrião estiver fora, pode-se entrar na casa e todos são bem recebidos. Quiçá, o líder do principado, tão rei quanto, partirá em outros campos, é necessário que um novo nome assuma. Atravessou a porta alta, o tremor desigual. Madeiras à parte, munido de mãos vazias e todo o corpo coberto. Sob ele, um anjo incomum.

Traria uma mensagem sinestésica. Sensorial. Cabelos longos, pele jambo e olhos de ressaca que distoam da arte barroca. Puxou-me pelos braços com idêntico temor. Camuflava o chão falso um tecido alvo. Tecido alvo dos dois.

De pé, as fitas se desatavam pouco a pouco. Costas retas, a parede transpirava. As asas envolviam sem jeito as ofensas. A boca violava, maculava. O ventre ganhava manchas. Mechas conduzidas contra si, atordoava-se.

Meus olhos até mudavam de cor. Caídos no chão, gritos altos, perturbantes. À porta tenta bater, nem escutam o que está ao redor. Pela cintura frágil e esguia, não conseguia conter o anjo. Escapava pelo braço suado, segurei covardemente por detrás das asas.

A áurea mais intensa, o brilho vivo, o sangue jorra. Mãos sufocam, peito aperta, braços arranhados entre os boquiabertos. Dor inestimável, desfalece o anjo. Não se rendiam, os instintos lhes fazem brigar com as mãos, as pernas, os lábios.

Entreolhavam-se, aparentava intimidade. Retoma o ritmo e o pano aguado implora pelo fim. Ambos machucados, cansados. Pernas trêmulas, jogava-lhe de lado, subira em mim como se fosse animal. Mostrava os dentes, língua suja. Minha língua também imunda, consciente do erro em duelar. Voltava a ser criança. Não havia trégua entre os dois.

Os corações palpitam em uníssono e a aurora logo vai. Caracóis nos cabelos secos, aramados. A longa trança caía sobre meu colo arrepiado. Sequer sentimos o frio com tantas investidas e ataques. O conflito eterno, distante de todos. Em um local escuro, nebuloso como meus sentimentos. Depois de tantos golpes, o inevitável escorre à sua coxa. Era o sinal. Houve o som, o chamado, e o anjo se resguardou sem resistir.

Me abraçou e, dessa vez, senti o mel: sussurrou que eu reinava com Deus. E foi sem se despedir. Deu-me as costas e caminhou para o céu onde nunca irei pousar. Imbuído da minha missão, a porta aberta. Mutilado pelo cansaço, frígido pela saudade, convite reforçado. Sem a áurea vistosa que Ele levou de mim, invisto na maior das decisões.

Minha voz ecoa e ninguém faz questão de responder, sou intocável. Lavo as mãos, mas a unção do anjo não se afasta nas águas. Fora do rumo, anseio o surreal. Somente me resta felicidade no novo reino. Ele me deseja e deseja precisar de mim. Confesso até que há uma certa vontade de dividir a coroa do ex-líder.

Mas é que sempre sonho com anjos. Não me deixe ir.

Terras Passadas (esta é uma obra literária de ficção, livremente inspirada na história da cidade de Santos, litoral de São Paulo.)

Daniel de Oliveira

“Já existiram tempos mais simples...” – a náíade, nostálgica, observa do jardim da praia, a selva de concreto que antes ali não existia.

“Também eram tempos mais cheios de vida...” – o espírito de um índio velho complementa o que a ninfa d’água lhe disse.

Os dois espíritos, ali, antes dos prédios terem sido erguidos, habitaram juntos um Parque Indígena, repleto de orquídeas, na Chácara de Júlio Conceição, no final da Avenida Conselheiro Nébias, com a Avenida da Praia do Boqueirão.

“Você nunca se assustou com os dois leões que guardavam a entrada do parque?” – perguntou irônico o velho índio.

“Não, eu até que gostava deles...” – sorriu a ninfa.

“Sinto saudade daquele parque tão lindo...” – prosseguiu a deusa aquática – *“Além de espíritos da água como eu, e da terra como você, também habitavam o parque os elementais do fogo e do ar, todos unidos em sagrada harmonia!”*

“Todos nós sentimos falta daquele parque, nobre deusa. Lembro como o éter fluía livre entre as árvores, e como o verde vivia em pleno equilíbrio com a cidade que pouco a pouco era construída.”

“Lembro também quando construíram os canais da cidade, como solução contra as epidemias que surgiram e as enchentes que a todos afligiram.”

“Daí a gente vê um que outro cidadão jogando lixo nos canais que, como você e outras deusas das águas, estão aí para nós proteger.”

“E ainda há quem diga que ignorantes são os povos indígenas...”

“Ou aqueles que acreditam em deuses...” – em tom solene, disse o índio.

“Acredito que não exista um povo mais sábio que o indígena!” – afirmou a náíade.

“Sabe, ninfa, desejo apenas que os homens de hoje se tornem tão sábios quanto os nossos antepassados, preservando a memória da cidade...”

“Ao menos há um pedacinho dessa memória da cidade reproduzida no Orquidário...” – uma lágrima desce pelo rosto da náíade, refletindo a selva de concreto a sua frente, e então, tal lágrima, cai por terra.

Nisso, os deuses tristes retiram-se de volta aos seus lares.

Seja lá onde seus lares estejam...

Militantes de Qualquer Coisa

Mô Amorim

Quem sairia comigo em plena terça à noite?

Em São Paulo, precisamente quando a escuridão manda recados de sua chegada, é que formigas vão se juntando depois da labuta. As cigarras não sofrem mais no inverno: agora cantam em barzinhos na Vila Madalena. É lá que as formigas vão para não serem mais tachadas de caretas. Bem, você leitor pode até pensar que sou formiga, mas não sou. Então vai arriscar supondo que sou cigarra. Também não. Meus pais bem quiseram que eu fosse formiga, daquelas com FGTS ansioso para a aquisição de um apartamento após quinze longos anos de trabalho. Também não sou cigarra porque não sou Bono Vox. É isso aí. Só valeria a pena se fosse Bono Vox. Cantar, ter pose e salvar o mundo. Aí, sim! Mas não sou nem uma coisa nem outra: sou vagabundo. Porque, veja, cigarra canta. E isso, brother, é labuta. Eu não tenho paciência para isso. Tem que entrar no tom, afinar a corda. Bah! Diria meu avô que nem o chimarrão se dispunha a preparar. Pedia para minha avó.

Nesse final de tarde veio tanta ululação dentro de mim que tive que sair. Rapidamente deslizei o polegar pra achar algum contato rápido e fácil no meu celular. Quem numa terça iria sair com um cara como eu? Veja, um jornalista ferrado acha amigos interessantes. Eu não sou jornalista. Mas esses caras, mesmo ferrados, têm amigos. E sempre há dinheiro para um café ou outro quando se discute política e futebol. Eu não sou nada. Mas Fernando Pessoa também não era. Eu não falei isso! Bem, músico também tem turma legal. Encontra com uns caras esquisitos e pah! Mas eu não. Ordem alfabética possível na minha busca. A: ninguém. B: já era. C: Ninguém ainda com essas iniciais para eu poder chamar pra um breja. Claudius? Tem o Claudius. Queria mesmo sentar e conversar. Beber. Sentar e conversar. C de Claudius. Opa, Claudius, lembra de mim? O W33. Lembrou, cara? Então, topa dar um rolê na Vila Madalena? Eu tô por aqui. Em trinta e cinco minutos, em companhia de meu amigo Claudius, estava andando por onde eu queria. Eu sempre escolhi as vias. Por ali, eu procurava mulheres. Sede de uns abraços e beijos dos bons. Li uma vez que assaltante de banco primeiro abraça a mulher, depois conta o dinheiro. Mas eu queria mais. Era um tipo de sede que, ultimamente, vinha tomando conta de mim. Eu queria alguma coisa de bordel sem ser bordel. Uma menina puta que não fosse puta. Que fumasse muito, mas não fedesse a cigarro. É duro ser eu. Tem dias que penso mesmo que tem que ser assim: não tenho nada a perder. Nem céu nem inferno. Esse negócio de diabo anda antiquado. Deve ser isso mesmo. A vida é moderna e eu existo. Uh! Assustei o Claudius com meu grito soqueando o ar. Veio ainda em mim, em atraso, a imagem mental do meu pulo e o meu All Star batendo seco na calçada. Eu gostava mais daquele All Star do que da minha mãe. Bem, muito boa esta calçada da Vila Madalena. Cheia de universitárias. E universitários também. Um homem sempre precisa de outros homens para se ambientar. Eu preciso do Claudius agora. Desse amigo muleta que me serve no momento. Sinto confirmar isso, mas meu amigo não era suficiente para a função. Percebi isso numa fração de tempo mínima em que ele olhava para o celular. A pior coisa que existe em uma desprentensiosa saída é o fato de carregar junto a consciência. Ela, a desgraçada, não abandona. Ô, Claudius! Aqui tem lugar! Opa! Sentamos. Amigo, vê duas aqui. Gelada, hein? Papo mesmo a gente nunca teve. O Claudius é um daqueles caras que veio emprestado de outra turma com quem eu saía quando estava na faculdade. Ele desistiu do curso de Rádio e TV. Mas ficou ainda uns seis meses fingindo para o pai que estudava. Depois disso, teve que trabalhar. É tímido, desengonçado e não merece esse tênis que usa. Pô! Esse tênis do Claudius é de quem tem personalidade.

Como ele conseguiu e eu não? É o cara, o máximo que acrescenta a um bom papo é “Só...”. Mas tá valendo qualquer coisa para não ficar em casa. Veio um ar gelado e nada da gelada. Foi um ar gelado que me deixou triste. Mais triste. Olhei para umas meninas novas que, pelo jeito como estavam vestidas, deveriam estudar artes cênicas. Fumavam. Riam alto. Teimavam em usar rasteiras com saias desbotadas. A Vila Madalena já não era a mesma. Estava cheia desses tipos: militantes de qualquer coisa. Eu já sabia tudo delas. Beber naquela noite seria a única decisão ecológica a fazer para descongestionar o trânsito de pensamentos buzinando na cabeça. Vagabundo! Ainda podia ouvir a voz. A gelada chegou. Bebi. Deixei por algum tempo na boca o primeiro gole. Fechei os olhos e lembrei que depois disso deixaria crescer o bigode. Para disfarçar. Limpei o buço sujo e marcado de espuma que embriaga depois do expediente. O prazer dura tão pouco. O Claudius, num momento de muita inspiração, disse que estava esfriando. Eu lamentei. O frio e ele. Que ideia a minha chamar um brócolis desse para uma noite como essa. Sim. Eu esperava alguma coisa dessa noite que tinha acabado de chegar. E a noite é como o sono: já fiquei várias vezes prestando atenção para saber como ele chega, o momento exato para eu dizer: te peguei! Mas eu durmo. Eu durmo antes. Depois daquilo, dizem que eu nunca mais vou dormir. Assim também anoitece na vida de toda essa gente que tá agora passando sentada e me assistindo de dentro do ônibus. É a linha 54. Pena eu ser vagabundo. Daria um bom filósofo. Sociólogo. Eu adoro beijar. Só não gosto do barulho do beijo. Beatriz beijava fazendo barulho de beijos de pobre. Mas nem pra filósofo eu sirvo. Não deixo, por preguiça interiorana, a ideia tomar encadeamento. Eu estive aqui noite passada. Será que algum garçom lembra disso? Tranquilo. Hoje, quase ninguém lembra um rosto. Pessoas fáceis. Muitas. Massa. Fácil ser assassino numa época assim. Os cumprimentos são mecânicos. As transas, posso dizer, mais ainda. Por isso, eu só tô de olho. Conheci Vera ontem. Nome de pobre. Vadia. Mas ela não era. Pena. Pena mesmo. Isso me deixou cheio de ódio nos pulsos. Soquei a cabeça dela no volante do seu carro. E fui. Foi assim que matei Vera. Mas antes, transamos. O Claudius ali nem imagina. O meu narrador sofre ao contar isso. Mas ela não era gostosa. Meu olho falhou com Vera. A culpa não é do olho. É de Vera. Psicóloga. Minha psicóloga. Burrinha psicóloga. Eu tinha ido até ela num dos meus transes-criSES. Daqueles em que o minuto seguinte parece insuportável. Mas o suicídio dá preguiça. Dá trabalho se matar. Planejamento, cartas, despedida, prédios altos ou arrumar um revólver. Jogar-se do alto do prédio de braços abertos e no meio do caminho se arrepender. Isso também não dá, né? Transamos na sala em que ela atende na Barra Funda. Isso mexe com o narrador. Seu coração agora está acelerado. Mais que o meu que vejo a polícia chegar. Claudius, num esforço babaca para ser engraçado, disse: _Se esconde que a polícia vem aí. Riu. Eu ri também. Eu não sabia, Claudius estava estudando Astrologia. Só o narrador sabia disso. Comecei a conversar com o copo. Faço isso depois de uns goles. Poucos. Sou fraco para tudo. Até chá faz efeito fácil em mim. Vera morreu mais de susto do que de dor. Em todos os livros que leu, não aprendeu nada. Eu analisei Vera tão bem, juro, que senti que ela iria desconfiar de algo. Mas não. Fingi uma melhora. Liguei. Fingi uma segura nos gestos que me imprimiam um ar normal. E sempre por dentro aparece uma imagem mental: estou caminhando para um poço. O chão é úmido. E a cor de tudo é do mais preto que já vi: preto molhado. Você não sabe que preto é esse. Você nunca sentiu uma dor dessas. O narrador é frouxo. Eu escreveria melhor do que ele que não sabe descrever esses pretos.

Cessa! Para de falar! Porque enquanto você fala, eu ouço outra voz. Eia, narrador! Você só escreve bem quando abre a minha cabeça. E faz amor comigo. Vai! Eu ofereço a minha boca, o meu corpo, a minha vida. Vai! Escreve. Faz uma história boa, cara! Que valha a pena tomar o tempo de alguém! Esta é a minha vida, porra! A de personagem. Olha! Vê! Escreve uma palavra aqui que vire dor. Você tem curtido a vida pra valer? Eu quero intensos! Responde! Acabei de cruzar a perna, você viu? Nem colocou isso aí no papel! Tem medo de quem, homem? Tem medo de quem, senhor narrador? Ah, se eu fosse narrador! Escreveria algo que não deixasse o leitor sair

sábado à noite! Uma vez na mão de um narrador bom, três vezes, no mínimo, lido. Escuta, quando você desenha a minha cena, você vem comigo nela. Você tem que estar comigo em todas. Dê-me uma participação efetiva e digna nisso! Não entende que este é o único jeito de eu estar vivo? Mostra a tua fúria e a transforme em palavra. Movimenta essa minha vida. Me põe saias. E ventos. E tempestades. Chuva. E sol nesses nossos encontros. Tudo no mesmo dia. Anda! Eu preciso de um livro que é o meu pedaço de vida, seu narrador de araque! Não deixe este pobre personagem morrer. Veja. Por favor, reescreva quando minha mão empurrou a cabeça de Vera no volante. A luz do sol nos fotografou. Veio de cima, de baixo, dos lados. Tudo era sol. Ponha sol nessas palavras. Escreva de novo. Vai! Eu te dou essa chance.

Os policiais conversavam com o dono do bar. O celular do Claudius tocou e não era eu. Uma mensagem do pai chegando atrasada. Coisas de operadora fora de área. Claudius se levantou depressa, deixou dez reais sobre a mesa e disse: _Preciso ir. Minha irmã Vera não aparece desde ontem. Valeu, cara! O narrador tem síndrome do pânico e tem medo que isso aconteça com qualquer pessoa sua conhecida. Eu disse valeu. Ele foi. Pensei em ir também, mas fiquei curioso pra ver se o garçom iria se lembrar de mim. O garçom iria se lembrar de Vera. O nome dela era Beatriz Vera. Dois nomes como em novela mexicana. E B vem sempre antes de C na ordem natural das coisas. Sorte do Claudius. E o crime já passa no noticiário na TV.

CONTRAÇÕES

Manoel Herzog

Abri olhos às sete, desgostando de acordar tarde, o compromisso era pra sete e meia, não vai dar pra tomar café. Melhor, tomasse café o calor da bebida estimularia o intestino, e me atrasaria mais, ou me faria ir ao compromisso em situação de incômodo.

Meu psiquiatra me aguarda, pra consulta trimestral. Não posso perder, depois pra arrumar outra brecha na agenda dele são mais três meses. Seis meses sem ele não consigo. Parti pra consulta sem café nem banheiro. Na ansiedade.

Hoje vou mostrar minhas coxas pro psiquiatra.

Quando nos deparamos, quando à frente do outro, sei que olhamos inadvertidamente pra regiões pubianas. Não é?

Talvez não. Eu que olho. Não consigo desviar o olhar. E nem há desejo nisto, de olhar, olho por nada. Mania. Devia ter tomado café. Talvez faça falta pra meu filho essa alimentação.

Não sei pra quando espero meu filho. Talvez pra vida toda, desde sempre. Talvez nasça hoje, talvez aborte. Devia ter tomado café. Com ou sem café sinto contrações. A secretária avisa que o psiquiatra vai atrasar. E que há outro

paciente para as oito. Enganou-se na agenda, marcou dois. Talvez queira atendê-lo, em detrimento de mim. Antecipo ciúmes. Ele chega.

“Desculpe. Importa-se se atender o senhor Malvino primeiro? Pode voltar às nove e meia? Conversamos mais tranquilamente, aí seremos só nós dois, sem mais pacientes hoje.”

Tá bom. Sigo pra rua, pensando pra onde ir até. Me preparei tanto, minha coxas por ser vistas. Talvez ele nem ligasse, profissional. Contrações. Meu filho. Talvez nasça.

Volto pra casa. Ela dorme, nua. Não desejo. Contrações. Vou ao banheiro. Nada. Os remédios me impedem de ter filho. Esperança de que meu psiquiatra me liberte. Olhe pras minhas coxas. Dê alta.

Ela balbucia. Nunca pensei morar com mulher. Queria ter filhos. Soltá-los no vácuo mundo. Esse filho agora.

Devia ter parado no café perto do consultório. Sempre paro lá. Desejo a neta do dono. O dono, um velhinho que gosta de pescar. Meu psiquiatra achava bom se eu pescasse também. O velhinho achava bom se sua neta e eu. Quero ter filho.

O velhinho do café voltou. Andava sumido. Gostou de me ver. Me viu melhor.

“Como vai o senhor, tava de férias, pescou muito?”

“Nada, me afastei uns dias pra operar as vistas. Catarata. Vai o quê hoje?”

“Café com leite bemquentinho, e pão com manteiga.”

A neta se antecipa:

“A máquina de café não esquentou, vai levar uns vinte minutos.”

“Então deixa, meu bem.”

Ela cora. Fecha o semblante.

“Tome outra coisa.”

“Não meu querido, de manhã só vai café mesmo. Mas foi bom ver o senhor de novo, que se recupere, fique com Deus.”

“Obrigado.”

Há um quê de frustração na resposta do velhinho, gosta de vender uma bala que seja. Miserável. Neta encalhada. Mau comerciante, nem uma mercadoria daquela consegue circular. Tivesse presunção achava que se frustrou por minha ausência. A neta nada manifesta, sempre tão refratária a mim. Se soubesse de meu psiquiatra e eu então. Vou até outro canto. Contrações. O remédio. Prisão de ventre. Liberta. Contraí. Solta. Retém. Pare. Vai.

Pare, vai, tem que parir. Ensaio a ida ao vaso, ela dorme, eu travo, não vai, nove horas, volto à consulta. Constipação. Prenhez. Enchimento.

Com contrações me vejo de novo à porta do consultório, o senhor Malvino demora, deve ter conteúdo, o que contar. Louco.

Escuto, espicho o ouvido pra escutar o relato do senhor Malvino, fala que trai a mulher, mas que está brocha. Eu que não. Moro com mulher. Meu filho chuta. Vontade de. Vou ao banheiro, mas não consigo. O remédio prende o ventre. O remédio prende a gente. Não vou parir agora.

O senhor Malvino sai, tem olhos vermelhos, vejo que chorou. Ainda pude ouvir um tanto, a admoestação do meu psiquiatra, que é também psiquiatra do senhor Malvino, velho brocha inseguro, chorão. Deve sofrer.

Eu entro, meu psiquiatra me olha, me olha nos olhos, não nas coxas, me ignora, diz que em breve suspende o remédio. Me preparei tanto. Ele não fala, só olha, Eu falo, falo muito, destrambelho. Conto que desejo a neta do velho do café, conto que desejo a mulher que vive comigo, mas que não acho normal, que queria era mostrar as pernas pra alguém, vai entender minha cabeça louca. Ele olha, acho que olha pra mim, porque ele se vira a cada olhada que dirijo a suas coxas, se tem as pernas abertas ele as fecha, se cruza as pernas juntas acho que pensa que olho seu rabo, então senta-se masculinamente, como que se punindo por me ter oferecido o rabo. Doido.

Também me pego me punindo se cruzando as pernas, então pigarreio e falo qualquer grosseria pra disfarçar. Mas lembro da gravidez, meu filho por nascer, acho que de hoje não passa. Ele analisa as posições, transfere pra mim suas inseguranças, o louco ali não é ele, afinal. Questiona o que significa cada mudança de posição desconfortável, porque me sento assim ou assado. Assada?

Obtempero, justifico, ele pondera, diz que também, a conversa flui, tudo flui com ele, mostro então as coxas, olho pras dele também, confissões me arranca conto tudo, tenho que contar, me cobra tão caro. Mas por contar flui, o

remédio deixa de segurar meu filho, que pede pra nascer, e a consulta finda. Volte daqui a três meses. Se não voltar não aguento, doutor.

Corro pra casa, ela acordou, passa já um café, me pergunta como foi, digo que tudo bem. Suspendeu o remédio, ainda não, acho que na próxima. O remédio prende o ventre. Meu filho vai nascer. Corro pro banheiro. Talvez perca. Vou. Travo. Volto. Café.

Ela passa um café bem quentinho, enquanto bebo segura minha mão. Aí flui. Dilatação. Facilitação do parto ou abortivo. Corro. Meu filho.

Sento no vaso e o todo que o remédio prendeu vem ao mundo meu filho, meu filho que não flui, o ventre preso, meu filho vai, meu filho boia, a descarga em círculos pela centrípeta força leva meu filho abaixo, o rodaminho leva, traga meu filho minha obra se vai pelo esgoto. Mais três meses até a próxima consulta.

The Talk é folhetim literário de periodicidade bimestral e, por enquanto, distribuição gratuita.

Todos os textos presentes nessa edição são protegidos por leis de direito autoral (*copyright*) © 2012, sendo expressamente proibida qualquer tipo de veiculação, publicação, republicação, cópia, utilização para quaisquer fins ou quaisquer meios, eletrônicos ou não, sem a devida solicitação para o editor do folhetim e/ou os devidos autores que participaram dessa edição.

Pedidos de exemplares, envio de textos para futuros números, reclamações, sugestões, elogios, doações e comentários podem ser enviados ao editor Marcelo Rayel pelo e-mail thetalkeditor@gmail.com

O encarte presente nesse número É UMA OBRA DE FICÇÃO, inspirada em *Abandoned Property of Ulster*, da revista literária *The Vacuum*, de Belfast. Quaisquer semelhanças com fatos ou pessoas ali presentes são mera coincidência.

The Talk prioriza a prosa de ficção.

4:00

Marcelo Rayel

4:00

Em geral, não gosto de voltar para casa com os primeiros traços de luz azul no céu. Gosto de fechar os olhos ainda na noite escura. Quatro horas é o momento perfeito da madrugada para fechar o dia, para encerrar a noite.

Quatro horas.

Quando uma noite e madrugada são boas, quero muito que não acabem. Entendo, então, os que ainda insistem até às 6, brindando pingados e cafés mal-feitos de coador, num amargo que come tudo quanto é açúcar. Se a noite é boa, só se vai para cama pregar as pestanas com o sol à pino. Quando num verão, um calor de matar e a pele a assar.

4:00

Quando se sai à noite e a noite te acerta, costumeiramente o ser humano tem um desejo irrefreável de parar o relógio. Quando se sai à noite e se acerta a noite, o corpo sequer relaxa. Não há tensão, apenas um querer perto do abrasivo de que a noite pare, como se olhos abertos pudessem reter fluxos.

Quatro horas.

Quando se sai à noite e quem saiu pegou a noite em cheio fica claro que a noite segue seu rumo até sete horas da manhã. É preciso sepultar a experiência singular com o fim do ciclo, e nada mais certo do que se certificar de que a noite verdadeiramente acabou com o brilho do sol contra o rosto.

4:00

A primeira vez que vi o Big Ben eu tinha o sol contra os olhos. A primeira vez que vi seus olhos eu tinha a luz elétrica a iluminar meus pensamentos. Não há feiura, não há beleza. Apenas há o que bombardeou a retina. A primeira vez que eu vi o mar eu estava num útero. A segunda vez que vi seus olhos pensei que podia fazer alguma coisa. Mas não posso.

Quatro horas.

Ultimamente ando acertando à noite. Mexi em seus ponteiros e dei corda naquela maquinaria minúscula dentro do tambor. O que eu não esperava era descobrir que relógios apenas marcam o tempo cronológico. Fiquei velho. Todo mundo me conhece. Todo mundo me conhece? E se, de repente, ficasse surpreso comigo mesmo? Todo mundo me reconheceria?

4:00

Todo mundo que me conhece, mesmo mal, sabe que não sou dado a fazer revelações pelas minhas vozes poéticas. Nem a minha, real, nem tampouco a poética. Um dia cheguei acreditar em poéticas, mas descobri que corações são de carne e poética é a instância daqueles corações que gostaríamos de ter. O que é pior: que os outros também tivessem.

Quatro horas.

Todo mundo que me conhece sabe que não sou dado a frescuras de lirismos em público, muito menos a mensagens indiretas da prosa. Compulsoriamente virei o homem do terciário (ou do quartenário) e, para ser bem sincero, não vejo muito luz no fim do túnel. O cadáver fala. Morri

e não percebi. Aliás, ando percebendo que meus falecimentos andam ocorrendo aos borbotões, cinco, seis vezes por dia.

4:00

Quando piamente acreditei no meu óbito, cometi o erro de driblá-lo. Eis que, então, comecei a acertar a noite. É uma impressão esquisita pegá-la em cheio, não por falta de tentativa, mas ausência da sorte mesmo. O que me incomoda foi começar a dar a cara a tapa. Confesso que ando me estranhando, não sou dado a certas fortalezas como doar a face para ver o que eventualmente aconteceria se.

Quatro horas.

Queria muito que você tivesse vindo. Contudo, me peguei numa ablação surda, inconsciente e contraditória de que você não viesse. Vai ver porque acho que acertei a noite de novo, bem em cheio. Acho que você é a Arcadia: os campos verdinhos, as vaquinhas pastando, os carneirinhos esperando o pastoreio. Acho que você é a Arcadia. Acho que incendiaria a Arcadia se um dia tivesse a chance: os campos queimados, as vaquinhas em desespero, os carneirinhos mandando às favas o sonolento pastoreio tendo as chamas a lamber-lhes.

4:00

Queria muito que você viesse, mas agora não sei. Eu não sei se quero a Arcadia. Acho que você sequer é a Arcadia porque a Arcadia permite o sonho. O triste nisso tudo, e é o que eu diria a você, é que um dia a Arcadia já me seduziu. Não faz muito tempo, mas a Arcadia ainda tinha certo efeito em mim. Esse cadáver, da morte da Arcadia, é ainda fresco em meu colo. Não, a Arcadia não mais me seduz.

Quatro horas.

Se ousasse dizer que você tinha um problema, esse problema seria que ando pegando a noite em cheio. Sabe, desde que comecei a pegar a noite em cheio, descobri que a Arcadia era ilusão profusa. Ou você segura em meu braço, e eu seguro o seu, ou não tenho mais o que te dizer ou fazer com você. Se você não é a Arcadia, porque eu deveria ser? O que eu mais acho estranho é que uma blindagem apareceu do nada em torno de mim.

4:00

Eu devia estar triste, eu devia estar desamparado. Eu devia estar largado, jogado, arrebatado, comido, virado, avessado, perfurado, puído, trespassado. Eu devia estar triste. O ruim disso tudo é que por sorte, ou azar, por inabilidade ou destreza, ando pegando a noite em cheio. E quando pego a noite em cheio, até o sono costuma demorar a chegar.

Quatro horas.

Sabe, havia momentos lá atrás que eu também achava que a emoção deveria ser intensa. Hoje, não sei, não acredito que a emoção deveria ser intensa. Penso que a emoção deveria ser material (ou, no mínimo, materializada). Sabe, toda vez que pego a noite em cheio, sinto que por sapiência ou estultícia, meio que materializo a emoção. Com ou sem você, entrei num ciclo onde a emoção anda se materializando. Confesso que se você estivesse nela, seria muito melhor. Mas você não veio e, pelo que me parece dos sinais que recebo, não virá tão cedo. Houve um momento da vida em que eu esperava. Hoje, sigo meu caminho. Se você não veio, é muito triste dizer isso, não mais te esperarei. Tenho uma noite para acertar bem em cheio.

4:00

Não gosto de fechar os olhos com os primeiros rasgos de azul claro no céu. Logo, quatro da manhã é meu horário de recolhimento. Não, você não é a Arcadia e eu sei que não sou quem você procura. Durmo às quatro. Não, você não precisa mais olhar nos meus olhos. Você não precisa vir mais.

Entrevista - Wagner Parra

O Dono da Quissassa



Esse paulistano do Tatuapé, que no mês passado completou meio século de vida, parece trazer em cada segundo vivido uma história para contar. Uma história que vai muito além das discotecagens no Bar do Sesc, em Santos, no saudoso projeto Sol Maior, da *Noite do Blen Blen*, no lendário Aeroanta, em São Paulo, migrando posteriormente para o *Blen Blen Club*, assim que Guga Stroeter & Heartbreakers resolveram partir para o espaço próprio. Junto com Marcos Fantanes, dirigiu a *Fiasco Produções*, que

trouxe para Santos espetáculos artísticos e musicais, entre eles Toquinho, Grupo Corpo e Ballet Stagium. Hoje é dono da Disqueria, a principal loja de discos, CDs, quadrinhos e livros de segunda-mão da cidade de Santos. Uma tarde com Wagner Parra é uma viagem pelo mundo através da música. E muitas histórias saborosíssimas, como essas testemunhadas na conversa que o *The Talk* teve com ele, um sábado em que o mundo desabou em pingos, na própria Disqueria, em Santos.

The Talk – Saca só, como é que era aquela história de um convite que você recebeu de um coletivo fora-do-eixo? A história da contrapartida? Aquela história é saborosíssima...

Wagner – Eles me procuraram aqui para fazer umas coisas, e de cara eu falei: “*Eu não acredito nessas coisas, não dá certo*”, mas, enfim... A menina foi tão insistente que eu acabei cedendo. Era uma programação gigantesca. Quando eu vi a programação, eu disse: “*Isso não vai dar certo*”. Eram 300 eventos em 6 dias. Mas acabei aceitando fazer umas duas ou três coisas. Quando faltavam 8, 10 dias para começar o negócio, eu dei um aperto nela. Falei: “*Pô, até agora cê num veio aqui pra gente acertar detalhes, horários e logísticas e essas coisas todas*”... Aí, ela veio. Dei um *ultimatum* nela e ela veio. Ela veio e me mostrou planilhas, e que a coisa estava toda preparada, toda armada, eram vários filmes, vários debates... Milhões de coisas! Em Cubatão, na Praia Grande, em Santos e... tal. E acabei envolvendo uma banda de um amigo meu que ia tocar, supostamente comigo no evento na Praia Grande, enfim... O primeiro que eu faria seria para uns meninos de um grupo de percussão de Cubatão, me foge o nome agora, uns meninos de periferia, que eu faria uma discotecagem educativa, falando sobre as misturas da música dos escravos com todos os povos da América, os espanhóis, onde foi formando o jazz, o rock, a rumba, a salsa, o mambo, a idéia era uma discotecagem com teor pedagógico, de compartilhamento de informações. E esse seria o primeiro. Mas no dia seguinte eu faria uma outra

coisa, no outro eu faria uma outra coisa e no outro dia eu faria uma outra coisa. E logo nesse primeiro não aconteceu porque o motorista que viria me pegar não veio, porque *não sei o quê*. Conclusão, acabei não fazendo absolutamente nada, perdi meu tempo...

The Talk – Não, o que eu gostei mais dessa história foi a *contrapartida*. Aquilo foi sensacional...

Wagner – Ah, não... Mas essa é outra...

The Talk – Eram 5 fichas de quê?

Wagner – Essa aí é outra história, essa aí não é do *Fora-do-Eixo*. Essa aí é de um outro coletivo. Na verdade, eu faço idéia de que essas coisas são todas muito semelhantes. É um monte de gente bem intencionada, um monte de gente que acredita no que está fazendo, mas eu também acho que tem um monte de gente que se aproveita dessas situações, desses editais, são profissionais de conseguir verba, né?! E, na minha opinião, acabam fazendo uns eventos que é tudo *mais ou menos*, tudo de qualquer jeito...

The Talk – Mas essa da *contrapartida* foi sensacional...

Wagner – Mas essa, desse coletivo, foi isso. A menina me mandou uma mensagem me chamando para discotecar, dizendo que eu era o DJ perfeito para esse evento, mas que eu tocaria e, em *contrapartida*, não pagaria ingresso, eu e um acompanhante...

The Talk – Wow...

Wagner - ... e receberia cinco vales cervejas que poderiam ser trocados por água ou refrigerante (risos).

The Talk – Ou seja, você encheria a cara de água para discotecar. *Smirnoff Ice* nem fodendo, né?!

Wagner – Então. Mais tarde eu descobri que na proposta estava incluso, e isso só só descobri mais tarde, que *eu* deveria levar o equipamento também para discotecar. Eles são todos muito atrapalhados.

The Talk – Você chegou a trabalhar com produção de show, não?

Wagner – Trabalhei muito.

The Talk – Mas isso na época de São Paulo...

Wagner – Não. Aqui em Santos. Na verdade, eu fui para Belo Horizonte...

The Talk – Você morou em BH?

Wagner – Não. A gente fazia uns eventos na época do movimento da anistia, daquelas coisas, e movimento estudantil, e a volta da UNE, depois formação do PT e tal, essas coisas para tirar o Lula da cadeia, e nesses eventos às vezes eu trazia o Premeditando o Breque, o Arrigo Barnabé, o Racionais, o povo que estava por perto nessas coisas. A gente fazia até umas coisas em São Paulo, no ABC e aqui. Mas nessa época era mais ou menos nos moldes do que o Fora-do-Eixo faz, mas que ninguém ganhava nada, mas...

The Talk – **Mas quando é que você começou a ganhar dinheiro? Quem eram os artistas?**

Wagner – Ninguém ganhava nada, mas ninguém ganhava nada mesmo! Era tudo gratuito e também a gente não pegava verba de ninguém para fazer as coisas.

The Talk – **Era na raça.**

Wagner – A gente tinha que vender alguma coisa para pagar o transporte dos caras.

The Talk – **Mas, aí, você começou a ganhar dinheiro quando? Com show do Frank Sinatra...**

Wagner – A primeira vez que foi profissionalmente, eu fui para Belo Horizonte e fiquei lá uns 20 dias. E fui assistir a um espetáculo do grupo Corpo, um espetáculo chamado *Maria, Maria*. Fui apresentado ao Khalil e ao Rodrigo Pederneiras. E depois do espetáculo a gente foi tomar uma cerveja, eu, o Khalil e o Rodrigo, que eram o administrador e o coreógrafo do grupo, e eu falava: “*Por que vocês não vão para Santos, por que vocês não vão para Santos?*”, e eles falaram: “*Porque você não leva a gente para lá*”. Aí, me deram um monte de fotografias, folders, aquelas coisas todas, aí eu vim para Santos. Eu e o Marcos Fantanes decidimos bancar essa produção. Trouxemos o grupo Corpo com *Maria, Maria*, que foi a primeira que a gente fez e foi um sucesso. Depois disso a gente fez uns 200, 300 eventos aqui em Santos, incluindo Jimmy Cliff, Richie, Paralamas...

The Talk – **Aí é que vocês começaram a ganhar dinheiro...**

Wagner – O que eu mais consegui ganhar dinheiro foi com o Toquinho, no Vasco. Mas isso foi um acaso do destino, porque a gente contratou o show dele, assim, não sei as datas exatamente... A gente contratou o show em janeiro, para fazer em junho. E o Toquinho estava em baixa, bem em baixa. Então, quando a gente contratou, as condições foram até mil ingressos era tudo para o Toquinho, de mil a mil e quinhentos, a gente rachava no meio, e de mil e quinhentos para frente era tudo nosso. Só que a possibilidade de botar mil e quinhentas pessoas para ver o Toquinho era nenhuma! Isso era a perspectiva em janeiro. Só que, tudo acertado, em março ou abril o Toquinho lança um disco chamado *Aquarela*. E aquela música tocava no rádio de dez em dez minutos. Era uma coisa *felomenal*, foi um negócio assim... E quando chegou dez dias antes do show no Vasco, já tinham sido vendidos dois mil e quinhentos ingressos. Ou seja, a gente já estava com mil ingressos de superávit para nós. Eu me lembro de ficar sentado ali na muretinha da Ponta da Praia três dias antes do show, a gente sentava ali na muretinha e ficava olhando para a bilheteria do Vasco, parava um carro, descia uma pessoa e a gente dizia assim: “*Mais cem mangos*”. (risos)

The Talk – **Mas, diz aí, o pessoal hoje em dia sabe produzir show? O que é que você anda vendo por aí?**

Wagner – Essa coisa de produzir show tem significados diferentes. Às vezes, você fala *produzir* de fazer a produção local, né, que é o que a gente fazia, e tem o *produzir* de produzir, de ver quem vai fazer o cenário, quem vai ser o iluminador e quem ia administrar a companhia toda, os *roadies*, o transporte, tem toda essa produção. Tem também uma terceira que é a produção sonora. Então, tem de saber de qual a produção a gente está falando, tem o cara que faz a produção sonora, como é que arranja os músicos, que organiza, que dá o tom do show. Tem a produção que é a produção geral e tinha essa produção que é a produção de viabilizar num local, que era o que a gente fazia, que era a produção num local.

The Talk – O motivo da pergunta tem a ver que, hoje em dia, a molecada produz muito mais festa que, de repente, pode ter um show, o famoso *open bar* e essas coisas todas, de repente até tem um show bacana, de um artista bacana e tal, mas geralmente a molecada aqui está muito mais concentrada em fazer festa: festa da Medicina, festa da Odontologia, ninguém tem mais peito de pegar um cara e levar para um ginásio do Sesc, por exemplo.

Wagner – Bom, mas isso já é um outro problema, porque o Sesc, ao mesmo tempo que ele ajuda muito nesse sentido, no sentido de viabilizar que as pessoas assistam aos grandes espetáculos por preços irrisórios, ao mesmo tempo o Sesc acabou destruindo esse mercado. Porque hoje em dia se que eu quiser por minha iniciativa trazer o Lenine para tocar aqui em Santos, para a coisa dar certo num local privado, ou até mesmo se eu alugar o ginásio do Sesc, vou ter de cobrar R\$ 80,00 o ingresso, R\$ 100,00, R\$ 150,00. Só que o Sesc também traz o Lenine e cobra R\$ 20,00, então comerciante paga R\$ 6,00, não sei o que lá paga nada...

The Talk – A produtora deles tem poder de barganha.

Wagner – Tem. Claro. Então, não acho que seja ruim o que o Sesc faz, mas atrapalha essa coisa, atrapalha quem faz isso visando ganhar dinheiro.

The Talk – E equipamento público? Tipo da prefeitura? Dá na mesma? O preço é o mesmo? Vai ter de cobrar R\$ 80,00 o ingresso, esse tipo de coisa, não vai ter jeito...

Wagner – Pois é, porque...

The Talk – Porque a prefeitura não cede, aluga.

Wagner – Porque a prefeitura aluga e cobra a porcentagem. Varia entre 10% e 25%. E você ainda tem de pagar ECAD, se for teatro tem de pagar o SBAT, e aí você tem de pagar a taxa de licença, para alguns eventos...

The Talk – Em breve, teremos licença ambiental.

Wagner - ... e você tem de pagar o transporte dos artistas, alimentação, hospedagem, diária, o cachê, um equipamento de som, isso tudo se você botar na ponta do lápis, para você conseguir ter R\$ 1,00 de lucro num show desse, você tem de cobrar R\$ 80,00, R\$ 100,00, e aí você não vai conseguir, né, porque vai sair caro, muito caro, pois é... Então você pode ver que diminuiu muito a iniciativa das pessoas de

fazer shows por iniciativa privada. Olha, eu tenho amigos produtores de grandes artistas que há pouco tempo, conversando com um deles, até comentou comigo, disse: “*A gente não faz mais show, como fazia antigamente... Show*”. O esquema é institucional. É fazer shows em eventos, desses eventos carnaval de Recife, réveillon do Rio, esses eventos assim, né?! Sesc, ou para a Fiat, ou para não sei quem. Aquele show mesmo, aquele show, mesmo em São Paulo, fechou na Tom Brasil, show não sei aonde, isso diminuiu muito, né?! O show ou é bancado por alguém, ou é muito difícil você viabilizar um show.

The Talk – E agora com esse negócio de taxa ambiental? Agora tem uma taxa de licença ambiental.

Wagner – Nem sabia disso...

The Talk – Em breve, vai ter. Teremos taxas de licenças ambientais. O pessoal peida muito no teatro? Como é que é o negócio? (risos) Como é que é? Arrota muito... (risos)

Wagner - ... fuma muita maconha (risos)

The Talk – Como é que nasceu a Vitrolada?

Wagner – A gente já estava tentando fazer essa noite fixa, eu, o Stéfani Caiaffo e o Lufer, a gente até tentou em outros lugares, tentamos no Estúdio G, mas não deu muito certo, depois a gente tentou no Allegra, tivemos mais duas ou três no Allegra, também não deu muito certo. Eu sempre gostei da terça-feira, porque é muito mais fácil você negociar com o dono do bar, porque na sexta-feira ele coloca qualquer coisa lá e enche: funk, pagode, sertanejo, flash-back, dance e pop, qualquer coisa que ponha na sexta-feira, se tiver um promotor lá e, aí, já é double-vodka e *tá*. Na terça, quarta-feira, eles nunca têm nada para fazer, eles nem abrem, né?!

The Talk – E por que colou no Torto? Não colou no Estúdio G e no Allegra?

Wagner – Foi coincidência também, porque eu estava discotecando na Bienal de Dança do Sesc e o Michel foi lá um dia trabalhar também no evento. E lá comecei essa conversa com ele: “*Pô, vamos fazer isso no Torto, não sei quê e tal...*”. Na verdade, a gente só queria fazer o que a gente chama de Baile Afrojazzlatino, mas o Michel ponderou, que toda terça ficaria muito repetitivo... Aí, nessa conversa a gente inventou de fazer de alternar com noite em que a gente convidasse estranhos *acidentais* e criamos esse outro nome para arredondar tudo.

The Talk – Aí, surgiu esse nome. *Terça sim, terça não, Vitrolada no seu portão.*

Wagner – O nome de tudo acabou virando Vitrolada, mas a gente também faz o Baile Afrojazzlatino e às vezes a gente faz aquelas noites com os *acidentes*. No ano que vem, estou planejando, além dos DJs Acidentais e do Baile Afrojazzlatino que a gente vai fazer eventualmente, e os *Acidentais* que já tem, de vez em quando fazer uma de *Reincidentes*. E aí a gente escolhe as pessoas que se envolveram mais, que...

The Talk - ... tem mais afinidade.

Wagner - ... gostaram. Teve gente que sofreu para fazer, teve gente que não se envolveu muito. Então, talvez a gente faça algumas com *reincidentes*. E depois, o próximo passo de um *reincidente* é trazê-lo como *convidado*. É como se fosse uma formatura, assim, uma graduação. (risos)

The Talk – Ai, meu Deus, o cara recebeu o diploma da Vitrolada! (risos) Mas, uma curiosidade, como é que você virou DJ?

Wagner – Como eu virei DJ?

The Talk – Ou você sempre foi? Desde moleque?

Wagner – É, pode ser, acho que sempre fui. Dei sorte.

The Talk – Foi da época do Tatuapé?

Wagner – Olha, voltando na memória, eu me lembro, hoje morro de vergonha disso, mas fico aqui pensando, eu já era DJ. Eu tinha um gravador daqueles que a gente andava pendurado, gravador horrível, assim, que tinha cinco, seis teclas na frente, sabe, um assim, você pendurava no pescoço como se fosse uma bolsa? Eu me lembro que fui passar férias com familiares em Paranavaí e eu tinha acabado de ganhar um daquele. Eu devia ter uns oito anos ou nove. Eu só tinha umas fitas, eu me lembro que tinha uma fita da novela *O Bem Amado*, uma do Vinícius & Toquinho, uma do Chico Buarque e uma do Raul Seixas. Era o *Krig-ha Bandolo*. E eu me lembro que lá em Paranavaí, por puro exibicionismo, que é boa parte do que o DJ é também, eu andava com aquela merda nas ruas de Paranavaí com o volume alto para todo mundo ouvir.

The Talk – Que maravilha! E você tinha o que? 10, 11 anos?

Wagner – Não sei. De quando é a novela *O Bem Amado*?

The Talk – 1973.

Wagner – De 1973? Eu nasci em 1962, eu tinha 11. Mas, aí, DJ mesmo, nessas festas de movimento da anistia, retomada da UNE, essas coisas, a gente sempre montava, eu, o Maurão, o Rogério Baraquet, João Maria, os maloqueiros daqui de Santos, a gente montava lá uma caixa amplificadora onde eles ligavam umas guitarras, uns aparelhos para fazer um som e eu ligava meu 3-em-1 (risos), e fazia o som com fita cassete, mixava fita cassete com vinil...

The Talk - E nesses shows de anistia et cetera e tal, foste tu que jogaste a bomba no colo do capitão lá no Rio Centro? (risos)

Wagner – Opa...

The Talk – Reza a lenda que o falecido Figueiredo dizia que aquilo era coisa de *tenentinho*...

Wagner – Eu me lembro de fazer um evento, o primeiro comício do Lula aqui em Santos. Lá na Praça dos Andradas. Toda essa gente tocou: João Maria, Maurão, Baraquet, e eu que fiz a produção toda desse evento na Praça do Andradas, palco e o caralho... Me lembro disso também...

The Talk – Mas ninguém chegou e falou para você: “Vai ter uma bomba durante o intervalo...”

Wagner – A gente tinha medo naquela época. A polícia ficava rondando, a abertura ainda não estava consolidada. De vez em quando eles pegavam a gente, mas estava meio frouxo, estava tranquilo, mas ainda dava medo. Agora, esse negócio do Riocentro, pergunta para o Geneton.

The Talk – O Geneton é que sabe, né? Pô, mas o Geneton não vai me conceder uma entrevista.

Wagner – O Geneton tem uma pílula que ele dá para os entrevistados que ele faz os caras falarem tudo o que ele quer. (risos)

The Talk – Tudo o que ele quer? Pois é, só que para pegar o Geneton para dar uma entrevista vai ser duro.

Wagner – Mas a primeira vez que eu toquei mesmo, assim, de verdade, falando assim *eu sou DJ, eu quero ser DJ*, foi aqui no *Café del Gay*, lembra, que tinha aqui na Epitácio Pessoa um negócio chamado *Café del Rey*, que aí um casal de gays comprou e virou o *point* dos *C, L, G, T, B, S, S* da cidade. E aí, nessa época, já foi isso. Eles abriam o bar todo dia. Só segunda-feira que não abria. Peguei a segunda para fazer essa patifaria. Era eu e o Johnny Hansen.

The Talk – Do Harry?

Wagner – É.

The Talk – Wooooowww...

Wagner – Era eu, Johnny Hansen, tocando o que na época era muito alternativo: Itamar Assunção, Arrigo Barnabé, Gang 90, Bauhaus, Joy Division. O Hansen tocava aquela banda do Nick Cave...

The Talk – O Bad Seeds...

Wagner – Não! Era o Birthday Party. Ele fazia uma barulheira do inferno. Eu fazia menos. Eu tocava umas músicas mais brasileiras e tal, (risos) A noite se chamava *Pós-Tudo*. Eu peguei aquele poema do Augusto de Campos e o folder era o poema *Pós-Tudo*.

The Talk – E por que casa noturna GLBT é mais animada que as demais?

Wagner – Porque o homem é muito travado de uma forma geral. O homem não dança, Hoje melhorou um pouco já, mas era bem pior. Homem não dança. Quem dança ou é mulher ou é homossexual.

The Talk – E aí quando começaram a abrir as casas noturnas GLBT, eram as mais animadas.

Wagner – É muito mais fácil da festa *pegar*, da festa começar, quando tem mulher e quando tem gay.

The Talk – Você não chegou a fazer show do Menudo, chegou?

Wagner – Ah, eu vou te contar um episódio dos mais bacanas da minha vida. É o que eu sempre falo, a Fiasco, a produtora que eu tinha com o Marcos Fantanes, tinha uma filosofia: a gente fazia Ballet Stagium, Eliete Negreiros, Itamar Assunção, Arrigo Barnabé, para ter prazer, e fazia uns Costinha, Dercy Gonçalves, Ari Toledo, para viver. Então a gente ficava alternando. Mas teve um dia em especial que a gente trouxe um lançamento nacional de uma coreografia da Marika Gidali, do Ballet Stagium, para estrear no Teatro Municipal de Santos. Uma produção do inferno, dois ônibus de bailarinos... Aí a gente fez essa temporada de quatro dias do Ballet no Municipal, Ballet Stagium lançando essa coreografia nacionalmente, deu matéria no Estadão, na Folha, Jornal da Tarde, falando *estréia de uma coreografia em Santos* e tal, e foi uma coisa que deu um trabalho do inferno. A gente teve que se associar a uma outra produtora daqui para dividir o tanto de trabalho que tinha, cuidar de cinquenta bailarinos, e quatro dias, hotel, e comida e o caralho... Nossa, e a iluminação precisava de muito mais coisa do que tinha no teatro. Enfim... Trabalhamos feito um cachorro, ganhamos prestígio, e no final disso tudo a gente ganhou, assim, um dinheiro que deu para sair no domingo do Teatro Municipal e ir no Almeida jantar.

The Talk – Uma mariola seca e duas guaranás.

Wagner – Mas, no domingo desse final-de-semana, eu fiz lá em Cubatão um evento com uns meninos de São Vicente que se auto intitulavam *Minudo Cover*. (gargalhadas)

The Talk – *Minudo*, com “i”...

Wagner – Isso. *Minudo Cover*. Eles soltavam a fitinha e dançavam. (risos) Era só o que eles faziam. Nesse evento eu ganhei uns dois paus! Aí, você vive isso num final de semana: de manhã, fui para Cubatão, fiz esse evento lá, num cinema... Lotou de gente! Voltei de Cubatão, cheio de dinheiro no bolso, já fui direto para o Teatro Municipal para encerrar a temporada do Ballet Stagium, que era o último dia... E é isso, você trabalha feito um cachorro durante quatro dias, não ganha nada, e algumas horas lá com o *Minudo* em Cubatão você ganha dinheiro para viver uns quinze dias.

The Talk – Ou seja, a excitação sexual favorece a pessoa a gastar dinheiro?

Wagner – É lógico! (risos) Você tem alguma dúvida disso.

The Talk – Ballet Stagium não te deu dinheiro, mas *Minudo Cover*, de São Vicente, deu...

Wagner – Opa! E a Fiasco produções só teve um fiasco: em quatro ou cinco anos que a gente trabalhou aqui em Santos fazendo evento toda semana, a gente tinha evento toda semana, às vezes dois por semana, teve um evento que o Toninho Campos deu o Heavy Metal para a gente fazer o Carnaval. Eles não iam abrir no Carnaval e resolvemos fazer baile de Carnaval no Heavy Metal. De quinta à terça. E também ainda em associação com esse cara que era empresário do Toquinho, o Fred Rossi, a gente ainda estava na onda daquele show, o *Aquarela*, e ele propôs fazer o Carnaval lá com o Tom Zé. O Tom Zé estava numa bagaça fodida, passando fome, o David Byrne ainda não tinha descoberto ele. Aí, a gente resolveu fazer com o guaraná Caiabí, era a onda do guaraná, foi quando apareceu aquela coisa de *beber aquela terra*, e o guaraná Caiabí resolveu patrocinar a gente. Aliás, até hoje eu lamento que eu perdi uma fita cassete que tinha o Tom Zé cantando seis *jingles* do guaraná Caiabí. Sumiu essa fita. A gente fez esse carnaval, deu um quarto de página no *A Tribuna* durante um mês, rádio, televisão, era perfeito! A gente precisava, era uma jogada perfeita, de 150 pessoas por dia para pagar tudo e começar a ganhar dinheiro e no Heavy Metal cabiam mil, mil e quinhentas. Fizemos. Contratamos muitos

seguranças, aquelas coisas todas, ECAD, não sei o quê. No dia, poucas horas antes de começar, não tinha vendido nenhum ingresso. A gente tentava vender o pacote com todos. Meia hora antes de começar o primeiro dia, vendeu um pacote com todos os dias para um sujeito! Um! (risos) Foi o único que vendeu! E foi tão evidente que foi o único que vendeu que a gente acabou devolvendo o dinheiro para o cara, porque ele percebeu que foi o único que pagou. No primeiro dia, foi ninguém, só foram os convidados, mesmo assim foram poucos, uns trinta, trinta e poucos... Segundo dia a gente percebeu que a casa tinha caído já, ninguém vinha, ninguém comprava, ninguém, ninguém, ninguém... Aí, para salvar pelo menos o Heavy Metal que tinha vinte e cinco pessoas trabalhando, garçons, não sei o quê, e geladeira cheia e tudo, aquela coisa, a gente abriu as portas. Abrimos as portas. Entrava quem quisesse, de graça. A gente catava as pessoas na rua. Aí a coisa virou um sucesso! Terça-feira virou um sucesso! Aquilo lotado, mas...

The Talk – Igual à Copa das Confederações na África do Sul...

Wagner – A gente tinha entregado para Deus! Nessa altura os seguranças já tinham percebido que também teriam problemas para receber, metade já tinha abandonado o barco, a gente já estava sem segurança... Conclusão dessa história é que ficamos com um prejuízo monstruoso no final. Só o hotel dessa gente toda... Aí, a gente dividiu esse prejuízo. O Fred Rossi arcou com as despesas do Tom Zé e dos trinta e poucos músicos que ele trouxe, porque era uma mega *big band*. E a gente assumiu todas as outras despesas daqui de restaurante, de hotel, de segurança... E quem salvou a nossa vida? Essa é a parte bonita do fiasco da Fiasco, quem salvou a nossa vida foi o Jair de Freitas, que era fiscal da prefeitura. Contraiu um empréstimo de funcionário que ele era, de seis, sete mil reais, assim, hoje seria uns vinte. Vinte, trinta. Ele contraiu esse empréstimo, a gente pagou todas as coisas, pagamos o Toninho Campos, o Hotel Indaiá, pagamos tudo. E nós ficamos pagando o salário do Jair de Freitas durante um ano e meio. Porque o salário dele era todo descontado do empréstimo. Então, o Jair ele confiou na gente de pegar esse empréstimo e todo mês, no dia do salário dele, eu ia lá e dava o salário dele para ele.

The Talk – Para finalizar... Ana de Hollanda. Você que foi próximo dela. Vocês chegaram a trabalhar juntos...

Wagner – A gente trabalhou com teatro juntos, em Cuba. Não sei se você já viu aquela foto ali... (Wagner se refere a uma foto na Disqueria, uma foto tirada com Fidel Castro e outras figuras hoje conhecidas, como Paulo Betti e Ana de Hollanda)

The Talk – E aí?! Foi sacanagem da Dilma? A Dilma deixou ela se fritar no Ministério, não blindou...?

Wagner - Eu acho que ela andou fechando umas torneiras que incomodou muita gente. É o que eu acho, não estudei muito o assunto, não é por falta de interesse, mas eu sempre vi muita gente falando mal dela. Sempre fiquei com um pé atrás. Quando eu vi quem falava mal dela, o tipo de gente que falava mal dela, eu cheguei a essa conclusão. Eu acho que ela andou fechando muitas torneiras e muita gente ficou meio brava. É lógico que ela pode ter cometido alguns erros, não sei, não sei direito...

The Talk – Ou seja, ela fez a mesma coisa que o Gilberto Gil fez no primeiro mandato do Lula. O Gilberto Gil começou a atuar por editais e os *grandões* começaram a disputar ombro-a-ombro com pontos de cultura.

Wagner – Eu acho que a Ana andou fechando umas torneiras desse tipo. Eu acho que qualquer pessoa que assume um cargo desses, secretário de Cultura, Ministro da Cultura...

The Talk – Leva pau!

Wagner - ... é impossível agradar todo mundo, né?! O cara vai ter de tomar umas decisões, ele vai ter de direcionar os encaminhamentos de acordo com o que ele pensa, não acho que isso esteja errado. O presidente, o governador ou o prefeito foram eleitos. A maneira como eles foram eleitos, eu não quero entrar nesse mérito. Mas eles foram eleitos. E eles têm o poder de dizer quem vai ser o secretário de Cultura ou ministro. É lógico, isso tem de ser... As atitudes têm de ter um compartilhamento, as discussões e tal. Mas acho que não tem muito espaço. A pessoa que assume esse cargo ela tem de dar a cara a tapa! Ela tem de dar o que ela pensa sobre o assunto, né?! É claro que ela vai desagradar alguns... Por exemplo, se alguém me chamasse para ser secretário de Cultura de Santos, provavelmente eu jamais aceitaria, e também nem tenho competência, para deixar claro, mas... Se acontecesse, uma das coisas que eu não deixaria fazer em hipótese alguma são coisas como formatura de academia de ballet ocupar o palco do Coliseu no final de semana. Como eu vi há poucos dias atrás. Não tenho nada contra academia de ballet, eu só acho que é um problema político esse. A pessoa que cai nesse cargo, se ela tomar essa atitude, ela vai comprar uma guerra com a cidade inteira! Que vão falar mal dela, claro que vão! Vão jogar pedra, vão dizer que isso, que aquilo... Por outro lado, se a pessoa tomar atitude de priorizar que os espaços como o Teatro Municipal, o Coliseu, sejam ocupados por bons espetáculos de teatro, que corra atrás desses espetáculos, porque normalmente esses programadores ficam sentados esperando as coisas virem, os projetos e tal. Então o que eu acho que deve ter acontecido com a Ana de Holanda é isso: porque ela deu as diretrizes dela, ela mudou algumas coisas que desagradaram muita gente.

The Talk – Mas não seria dos artistas baterem de frente com a Dilma ao invés da Ministra?

Wagner – Eu acho! A Ana de Hollanda estava ali porque foi a Dilma que colocou.

The Talk – De repente, não foi nem decisão da Ministra, foi decisão da Presidente...

Wagner – Pois é!



Dezembro de 2012 - Preço: aproveite que ainda está de graça

The Talk ●●●

propriedade

imaterial

de

vol.1

santos



Segundo o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, O essencial é invisível aos olhos. Foi com essa lapidar frase em mente que surgiu patrimônio imaterial de santos, uma peça de ficção sobre o que restou de mais importante quando se trata de qualquer centro urbano acima de 300 mil habitantes: o patrimônio imaterial. A relação do público com aquilo que come, veste, vê, frequenta e utiliza pode ser muito mais reveladora do que qualquer culinária ou dança típica. A vocação portuária de Santos, uma cidade marítima, trouxe inúmeras influências que resultaram numa ausência de tipicidades, gerando uma tipicidade típica tremendamente compreensível na melhor das definições que o cientista social Dagoberto Giovannetti pôde conceber para este pedaço de chão perdido nos mares-do-sul: "(...) uma ilha que literalmente empilha gente com uma dinâmica de penitenciária. (...)". Conhecer esta cidade sugere vibrar na mesma frequência de onda de seus nativos: o bairrismo, a picuinha, a pentelhação, a cultura do "não", a combatividade, a politicagem, a reclamação, a insatisfação, a chatice, a megalomania, a bestice, o esquecimento, o apito do navio, um calor de matar no verão, tudo isso com toneladas de churro e pastéis na boca empurrados goela abaixo por galões de mate gelado. Vale recordar que neste singelo volume há uma entrevista inédita e reveladora com o Leão dos jardins do Gonzaga, o ente que mais sofre com a passagem das partes pudendas de santistas e turistas de todo mundo na hora da fotografia, o objeto que mais sofre chinchadas seguido de perto pelos leões da Trafalgar Square, em Londres: "Um dia, hei de reclamar ao Ministério Público esse contínuo e abusado assédio sexual em relação a minha pessoa!". Uma entrevista que os amantes da leitura e da informação, boa ou não, jamais dispensariam. E nesse primeiro volume, a apresentação de uma Santos que, muitas vezes, o próprio santista desconhece.

Isto é uma

obra de ficção



Churro

A massa do churro (*churros* no plural é uma nomenclatura popular) surgiu na China, e era conhecida como *You tiao* (*Youzagwei*, na região sul). As navegações portuguesas trouxeram a iguaria para a Península Ibérica, com a diferença de que a massa não era mais *puxada* como se fazia no oriente, mas *extrudada* em forma de estrela. Especula-se quanto ao motivo da alteração: cansaço das grandes jornadas pelos *sete mares*, talvez preguiça, porém diversos pesquisadores acreditam que a principal razão para a mudança tenha sido mesmo a falta de habilidade.

Essa portentosa contribuição lusitana, graças à presença maciça da coletividade portuguesa em Santos, foi calorosamente adotada como ícone ímpar da baixa gastronomia da cidade. A versão paulistana é mais criativa em termos de forma, sendo possível encontrar porções *fac-simile* do Estreito de Gibraltar, por exemplo. O santista, por outro lado, apesar de sua versão mais modesta, incrementou os recheios, nas modalidades *calabresa com catupiry*, *frango com cheddar* e *tacaca com manteiga de amendoim*.

De forte apelo subliminar entre o público feminino pelo simulacro de resultante do *embate amoroso*, a iguaria fortemente santista é mister para o emprego completo do sistema de esgoto e ampla utilização dos sanitários da cidade. Item de suma relevância na iniciação concupiscente em caráter inconsciente de parte da população, o quitute já faz parte do cancionário local em peças como *Churros Assassino*, do Carnal Desire, e *Funk do Churros*, do lapidar bardo Rodinei D.



Orquidário

O Orquidário Municipal de Santos foi inaugurado no ano de 1945, pelo prefeito municipal Dr. Lincoln Feliciano, em glebas que anteriormente pertenceram ao lavrador José Honório Bueno. Por seu espírito gazeteiro e fanfarrão, era conhecido como José Menino, nome que batizou o bairro onde hoje se encontra este parque. As primeiras orquídeas foram fornecidas do espólio de Júlio Conceição, a partir de 1938, oriundas do extinto Parque Indígena, área onde hoje é a confluência das avenidas Conselheiro Nébias com Vicente de Carvalho.

Assim como o *Leão* nos jardins da orla da Praia do Gonzaga, não há um santista sequer que não tenha uma foto ou referência de sua infância que não inclua o famoso logradouro. Além de vários exemplares da flora regional, o Orquidário guarda também vasta fauna como pavões, guarás, cotias, araras, macucos, tucanos, macacos-aranha, pipoqueiros, vendedores de algodão-doce, divorciados, desavisados, *crackeiros* e uma quantidade abissal de crianças, em especial nos finais de semana.

Assim como o *churro*, o Orquidário também é responsável pela iniciação concupiscente do cidadão santista graças aos frequentes flagrantes do casal de macacos a aplacar suas sanhas ou o macho do casal entregue horas a fio ao *vício solitário* quando a fêmea atribuiu suas eventuais indisposições sensuais a um forte e grave quadro de cefaléia.

O parque foi reaberto em 2012, depois de três anos de reforma, tendo a administração pública local sofrido severas cobranças pelo atraso nas obras e do braço direito da fêmea do macaco-aranha, carbonizado quando o exemplar se pendurou em um fio de alta-tensão em uma de suas fugas da área de contenção.



Mate gelado

Ilex Paraguariensis é o nome científico para erva-mate, também conhecida como *mate* ou *congonha* (que em tupi significa *o que mantém o ser*). Ao ser servida gelada em alguns estados brasileiros e no Paraguai, recebe o nome de tererê. Árvore da família das aquifoliáceas, pode atingir doze metros de altura e possui caule cinza, folhas ovais e fruto pequeno na cor verde ou vermelho-arroxeadado.

Devido a forte despersonalização ocorrida na cidade nos últimos 20 anos, tornou-se mais um produto não-nativo a ser adotado pelo público local, com forte consumo durante o verão. Geralmente é servido por carrinhos de ambulantes encontrados em vários lugares, além da praia, nas versões mate gelado com açúcar e algumas gotas de limão, mate com açúcar e suco de limão, e suco de limão com açúcar e algumas gotas de mate. Tais ambulantes também costumam vender refresco de abacaxi a fim de atender uma clientela maior, em especial aquela que não gosta de chá gelado.

Seu consumo sofreu forte queda no início do milênio devido a industrialização de novos chás, como o verde, e uma lenda urbana que afirmava que o mate gelado tinha o efeito contrário do Sildenafil.

O mate gelado veio substituir o famoso Vai Limão, muito popular no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. A limonada, naquela ocasião, não era servida em carrinhos como hoje em dia, mas em pequenos tanques carregados pelos ambulantes, de formato cilíndrico, que mais parecia uma cuíca fechada. Especula-se que o *Vai Limão* sofreu forte decadência, que resultou em seu desaparecimento, provocada pela galhofa de alguns banhistas que frequentemente indagavam: *E aí, tio?! Tem de uva?*



Os canais

Santos começou a ser citada no diário oficial da Rainha da Inglaterra, o *London's Gazette* a partir de 1765. E longe de um nobre motivo. Entre 1890 e 1900, 6.683 cidadãos perderam a vida por causa de moléstias transmitidas por mosquitos que facilmente se reproduziam nas águas paradas e terrenos pantanosos espalhados pela cidade. Entre 1900 e 1903, um projeto de saneamento básico visando erradicar as epidemias entrou em curso. Saturnino de Brito, assim, pôs em prática um plano que já havia sido bem sucedido nas cidades do Rio de Janeiro e Vitória: os canais.

O primeiro dos nove canais previstos no projeto inicial, o Canal 1, foi inaugurado no dia 27 de agosto de 1907. Os canais em Santos, além de centenários, são a marca registrada da cidade no Brasil e, quiçá, no exterior. Neles encontramos os famosos elementos vazados de suas muretas, presentes também na murada da Ponta da Praia e em parte da Avenida Francisco Glicério, um ícone da cidade, um símbolo de Santos assim como o Cristo Redentor nos traz à memória o Rio de Janeiro.

Contudo, os canais guardam um mistério da humanidade. Pessoas de fora da cidade, via de regra, não diferenciam um canal do outro e, assim, alegam que todos são idênticos. Além disso, os nativos não citam o nome das avenidas por onde passam os canais, geralmente identificando o endereço pelo número do canal.

Quase sempre poluídos devido a ligações de esgoto clandestinas e alvos do depósito de todo tipo de lixo por parte da população nos anos 1960 e 1970, os canais viram sua sorte mudar graças a uma campanha de conscientização para mantê-los limpos. A futura administração da cidade pensa em recuperar essa campanha importando uma técnica mineira: o morador flagrado jogando qualquer objeto no canal deverá dançar o *xenhenhêin* para pagar prenda.



Farofada

Com o advento do *politicamente correto*, os praticantes da famigerada *farofada* passaram a ser chamados pela grande mídia (ou mídia de massa) de *turistas de um dia*. Presentes nas principais praias brasileiras, os *turistas de um dia* são discriminados por pertencerem a uma classe social baixa e, conseqüentemente, por serem de baixa renda, impedidos de longas temporadas em apartamentos alugados ou diárias em hotéis justamente por conta dessa difícil condição financeira.

Em Santos, são amplamente encontrados entre o canal 2 e o posto 2, além da área que vai do canal 1 até a divisa com São Vicente. São bastante visados pelo serviço de socorro e salva-vidas local devido ao imprudente banho-de-mar após ingestão de generosas porções de comida e bebida alcoólica. É bem frequente encontrá-los jogando as famosas *peladas* com latas de cerveja na mão, demonstrando grande habilidade no desenvolvimento da prática esportiva do famoso esporte bretão sem perder a velha máxima do *carpe diem*. Quando vazias, as latas são utilizadas como *casinhas* nas partidas de *taco*, versão tropicalmente abasileirada do *cricket* inglês.

Os *turistas de um dia* iniciam suas atividades na madrugada de domingo, com intensa movimentação nas pensões da Pompéia e José Menino já no destino final. Às 7 da manhã, as famílias caminham à praia carregando grande número de isopores de todos os tamanhos, além de equipamentos a serem instalados na areia, como gazebos de lona branca adquiridos em promoções de férias nos grandes hipermercados. As famílias tendem a ser numerosas, com forte presença de crianças com seus baldes, pás e bolas.

Envergando indumentária de padrões peculiares, são a antítese do celebrado *bom gosto* reinante nas praias brasileiras. Sua estética única e intransferível foi alvo de segregação nos últimos anos, com enormes restrições de conduta e espaço, sendo expelidos para outros locais do litoral paulista como as praias do litoral sul. Além de um grande símbolo de resistência em uma cidade que já foi *libertária*, encontram na Rua Almirante Custódio de Mello seu enclave mais significativo na era de aquário.



Bairrismo

Bairro é a subdivisão de um município e/ou de um dado mobiliário urbano em áreas de menor extensão. Em geral, os bairros são micro gerenciamentos da vida social, visando facilitar certos serviços que necessitam de identificação mais específica. Como em qualquer outro lugar do mundo, cada bairro possui características bastante distintas, quase sempre transmitindo a idéia e/ou impressão de várias cidades diferentes dentro de uma apenas.

Isso seria insignificante se ignorássemos o fato de que grande parte da cidade de Santos ocupa somente 39,4 km² de uma ilha. Se as diferenças entre bairros são consideráveis nas grandes capitais do mundo, esse aspecto torna-se abissalmente gritante na principal e mais desenvolvida cidade do litoral paulista. São gerações e mais gerações que moram em determinados bairros e encontram enorme dificuldade quando precisam habitar em algum outro lugar da cidade. O orgulho e amor pelo bairro onde moram recebem o nome de *bairrismo*.

Com o avanço desenvolvimentista de Santos, o *bairrismo* começou a ganhar outros contornos em sua prática diária. A cidade que antes era *a terra da caridade e da liberdade* hoje se tornou uma experiência razoavelmente áspera, com o surgimento de *clubes fechados*: a turma de meninas que estudaram no colégio y não inclui em seu círculo de convívio as meninas que estudaram no colégio x, e assim por diante. Um eventual *status quo* aprazível pode garantir certo acesso a esses clubes fechados, ainda que o candidato(a) babe na gravata (ou blusa *tomara-que-caia*) ou tome sorvete pela testa.

Tal peculiaridade trouxe a necessidade de melhoria financeira a qualquer custo para que a aceitação nesses *clubes fechados* seja efetivada. Essa abordagem conferiu ao santista sua mais nova roupagem: a *empáfia*.

Entrevista exclusiva—Leão do Gonzaga

Uma vida de abusos



“Um dia, hei de procurar o Ministério Público e acabar com essa escalada de abusos”. Depois de um silêncio de quase 72 anos celebrados no último dia 10 de outubro de 2012, o Leão dos jardins da praia do Gonzaga resolve abrir o jogo. Confessa que já não suporta mais as constantes pinturas e reformas, além de se sentir maculado com o contato amiúde das partes pudendas tanto de santistas quanto de turistas na hora da foto para a recordação. Criado por Sigismundo Fernandes e pela empresa Labor, hoje o Leão apresenta flagrantes traços de imenso cansaço e abatimento, como mostra essa entrevista exclusiva a The Talk.

The Talk - Conte um pouco de sua história?

Leão - Eu vim parar nos jardins dessa praia no dia 10 de outubro de 1940, por intermédio de Sigismundo Fernandes, que na época era presidente do Centro Español y Repatriación de Santos, juntamente com a turma da Labor. Passei por várias reformas ao longo desse tempo, porque o material com o qual fui confeccionado é vagabundo pacas. Sei lá, é uma mistura de pedra, argamassa, gesso. Até hoje não descobri. Bem diferente dos meus primos em Trafalgar Square.

The Talk - Mas essas reformas não melhoraram sua situação?

Leão - É difícil dizer. Se não me falha a memória, eu tinha colhões. Mas minha memória é igual intuição masculina, não serve para muita coisa. O pessoal daqui também não colabora. Nos anos 1970, eu tinha dentes de ouro, mas com aquela onda de Sarney, congelamento de preços, Collor, confisco de poupança, acho que o pessoal ficou naquela de horror e acharam de derretê-los na crença de que o metal era valioso. Era latão puro. Uma situação bem diferente dos meus primos em Trafalgar Square.

The Talk - Mas você não acha certo exagero comparar Santos a Londres?

Leão - Olha, eu até acho que sim. Mas veja só, a condição dos meus primos lá em Trafalgar Square é, sem dúvida, muito melhor do que a minha aqui. É uma outra cultura, sabe? É bem diferente. Lá em Londres, eles recebem turistas do mundo inteiro, ficam em pedestais de pedra. O gaiato que quiser tirar fotos lá em Londres tem de escalar, entende. O sujeito quando termina de subir já está cansado, tira a foto e quer logo descer. Às vezes até por medo de despencar dali. Aqui eu fico na altura do chão, a turma vem cheia de vibração, é cada chinchada de perder o rebolado! Sabe, é um troço triste e deprimente. É peito, é bunda, é saco, barriga, as meninas ficam esfregando a *perseguida* em mim. Quando o dia é ensolarado isso aqui fica um inferno. Eu acho que mereceria mais respeito, não?

The Talk - E pelo jeito você se sente sozinho.

Leão - Ah, porra, não é por nada, não. Mas meus primos estão ali com o Almirante Nelson, perto da National Gallery, sabe? É outra coisa. Chique, sabe? Coisa fina. Aqui a celebridade mais próxima são os irmãos Andradas, que ficam lá na Praça Independência, numa iluminação parca, poxa! Aquilo lá parece uma boate.

The Talk - Pelo que entendi, você preferiria ser chinchado por turistas de outros países?

Leão - Não, companheiro! Acho que você não me entendeu. Não quero passar por isso mais. Não quero ser chinchado de jeito nenhum! É horrível esse abuso, um verdadeiro pesadelo. Pouco se me dá ser chinchado por um dinamarquês ou por um turista de um dia, esse pessoal que aluga apartamento de temporada. É ruim do mesmo jeito! Acho que deveria ter um pouco mais de respeito por parte das pessoas.

The Talk - Mas de quem seria a culpa, então?

Leão - Ah, acho que é de todo mundo...

The Talk - Da prefeitura?

Leão - Não, acho que é de todo mundo mesmo. Da prefeitura, do morador da cidade, do turista... Ninguém liga para nada. É um descalabro! Todo mundo tem jornada de trabalho, benefício. É cansativo! São 72 anos de abuso. Sabe o que é isso? Antigamente a coisa era *light* porque não tinha tanta gente morando aqui, tinha o Parque Indígena, não tinha esses prédios todos. Hoje em dia é um terror! A cada espigão desses que eles levantam eu arrepio. Vai ser o triplo da chinchada que eu já recebo hoje, entende? É uma tremenda falta de consideração. Já fico aqui debaixo de chuva, de sol, é ressaca, ventania. Nem sei o que te diga. Estou aqui com uma tremenda hérnia de disco e a prefeitura não me arruma sequer um plano de saúde para dar um jeito na coluna, sabe?

The Talk - Então a culpa é da prefeitura.

Leão - Não! Não é só da prefeitura. Ninguém colabora. A prefeitura não faz nada porque quando chega a noite a coisa dá uma relaxada. Fica até bacana, sabe? Aquele lance da molecada ficar só na *ganja*, só no fininho. Dá até um relax, entende? Ajuda. Porque é chato ver gente passeando com o cachorrinho e sacola plástica na mão. É meio deprimente. A prefeitura podia fazer um cercadinho para mim. A prefeitura não cuida do seu municípe. Podiam arrumar um daqueles jatinhos higiênicos que o pessoal tem em casa para os cãesinhos não passearem todos sujados. O imposto aqui é muito alto e não tem uma contrapartida, um mimo...

The Talk - Mudando um pouco de assunto, ao longo desses 72 anos, do que mais você sente saudade?

Leão - Poxa, sinto saudade de tanta coisa... Fiquei

triste quando derrubaram o Bar da Praia para construir aquele linguição que tem lá agora. Assim, não é por nada, não, mas a cidade era muito melhor nos anos 80. As pessoas não saíam daqui, isso aqui era o lugar onde a cidade se encontrava. O santista era da praia. Tudo bem que foi uma época difícil, eu era quarentão e todo mundo me chinchando, estava na crise da meia idade, aquilo não era lá muito legal, principalmente envolvendo alguém que estava em crise. A cidade tinha mais gente bonita, isso aqui era mais fervilhante, pulsante. Pelo que já me contaram, na Ana Costa, tinha duas boates lá. Aquele trecho era um desfile só, um verdadeiro jardim florido. Mas é aquela velha história de que tudo, um dia, acaba. Assim como acabou o parque indígena, assim como botaram o Parque Balneário abaixo. Tanta coisa que destruíram para construir essas coisas horrendas que estão aí. Dizem que é o preço do progresso, mas isso eu não sei dizer se agrada o coração, sabe? São coisas que eu não entendo. Tinha show na praia, tinha o *Banho da D. Dorotéia*, a cidade se permitia a tanta coisa. Isso aqui era o paraíso, apesar das chinchadas que levava. Ficar aqui parado vendo a destruição da felicidade já dá para ver que não é uma tarefa fácil.

The Talk - E o que se pode esperar do futuro?

Leão - Não sei. Sinceramente, não sei. O que mais me deixa assustado é como o pessoal daqui passou de cavalo para burro, parou de pensar. Às vezes, fica com uma postura, um discurso *reaça*, babaca que só. Sabe alma pequena? Empulhação, mesquinaria? Acho que devo estar cego para tantas coisas, porque o lance aqui não me parece legal num futuro próximo ou não. Como toda previsão, é um troço difícil de acertar, de realmente saber o que vai ser daqui para frente. Eu fico triste porque não vejo perspectiva. Às vezes fico assim por causa da hérnia, sabe? Hoje mesmo parou uma tiazona que foi tirar foto e botou um par de seios enormes nas minhas costas. Putz, doeu pacas! Aquilo não era um par de seios, era um par de ubres. No dia que ela operar aquilo, vai servir por baixo umas três modelos-atrizes. Tem muito da coisa da aparência aqui e o pessoal que realmente põe o cérebro para funcionar está trancado em casa uma hora dessas. Sinceramente, não sei onde vamos parar.

Este é um suplemento do fanzine literário *The Talk*, que teve seu lançamento em dezembro de 2012. *propriedade imaterial de santos* tem como inspiração *Abandoned Property of Ulster*, da revista literária *The Vacuum* (Belfast), e é **uma peça de ficção onde quaisquer semelhanças com pessoas ou fatos é mera coincidência**. Locais de distribuição, pedidos de envio, reclamações, elogios e comentários podem ser feitos com o editor em thetalkeditor@gmail.com. *The Talk* prioriza a prosa de ficção.